

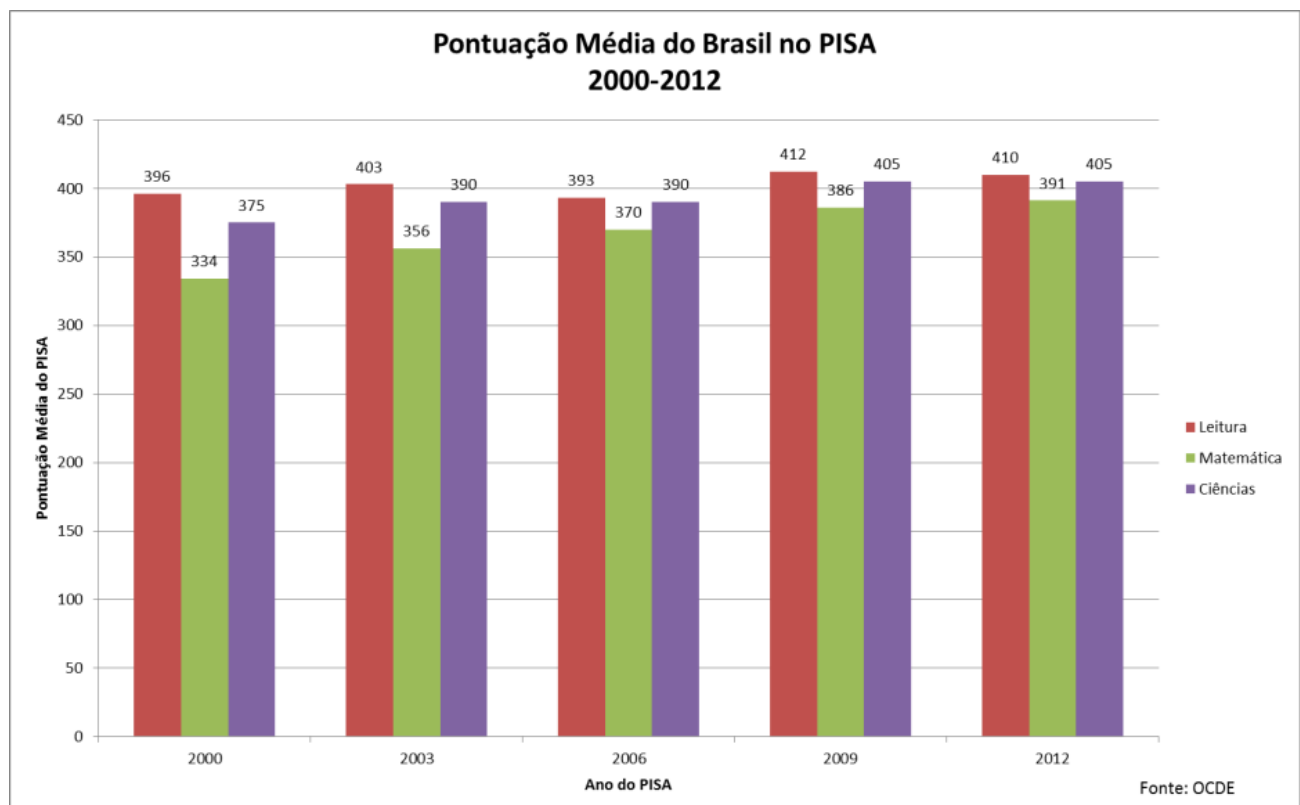
Pisa 2012: O que os dados dizem sobre o Brasil

A OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico) divulgou nesta terça-feira os resultados do Programa Internacional de Avaliação de Alunos, o Pisa. A prova, que serve de termômetro da educação de diversos países, inclusive o Brasil, acontece a cada três anos e foi aplicada pela quinta vez em 2012.

De acordo com os resultados desta edição, o Brasil apresentou pequenos avanços, mas a situação está aquém do que o país pode e precisa fazer.

Na disciplina de Leitura, houve um ligeiro retrocesso em relação a 2009, com a perda de 2 pontos em 2012 (412 *versus* 410). Em Ciências, não houve alteração: os alunos brasileiros seguem estagnados nos 405 pontos desde 2009. Em Matemática, o ganho mais significativo do Brasil. Foram 5 pontos em relação à edição passada (386 *versus* 391).

Veja no gráfico a seguir:



Fonte: OCDE

Na comparação internacional, o Brasil ainda se mantém longe da média dos países da OCDE, como mostra a tabela a seguir. O país situa-se nas últimas posições do ranking, com cerca de 100 pontos atrás dos países desenvolvidos e com uma grande porcentagem de alunos com nível 2 de conhecimento (a escala de proficiência da OCDE vai até 6).

Síntese dos resultados do Pisa 2012			
	Leitura	Matemática	Ciências
Média Brasil	410	391	405
Média OCDE	496	494	501
Posição do Brasil no ranking	54-56	57-60	57-60
Alunos do Brasil abaixo do nível 2 (%)	49,2%	67,1%	61%
Alunos da OCDE abaixo do nível 2 (%)	(2)	23,1%	(2)

(1) Total de 66 países participantes

(2) Como o desvio padrão do teste é de 50 pontos, podemos estimar que o máximo de alunos abaixo do nível 2 é de 8%.

Fonte: OCDE

Os sete países que mais se destacam são todos asiáticos: Xangai (China), Cingapura, Hong Kong (China), Tapei (China), Coreia, Macao (China) e Japão. Cingapura e Xangai são os dois países com maiores mudanças positivas ao longo do período e os dois únicos países que vêm melhorando cerca de 4% ao ano, apesar do desempenho já elevado.

O país que vem mais perdendo pontos no Pisa é a Finlândia. Segundo alguns observadores isso pode estar relacionado a mudanças ocorridas nos anos mais recentes. A perda média é de 2,8 pontos/ano. Rússia e Estados Unidos continuam próximos da média dos países da OCDE e também apresentam enormes desigualdades – mais de 25% dos alunos situam-se abaixo do nível 2 em Matemática (essa proporção é de 67,1% no Brasil).

O que os dados dizem sobre o Brasil?

Os resultados do Brasil de 2012 são praticamente iguais aos de 2009. O país continua mal. Está situado entre os 7 países com pior desempenho. Como esperado, não houve ganhos significativos em nenhuma disciplina. Além disso, metade ou mais da ligeira melhora registrada na disciplina de Matemática se deve às melhores condições econômicas do país. No Brasil, é a economia que melhora a educação, e não o contrário.

É possível observar também que mais da 67% dos alunos brasileiros situam-se abaixo do nível 2 nas provas de Matemática, ou seja, abaixo do que seria considerado um nível mínimo de desempenho. Em Ciências e Leitura a percentagem situa-se em torno de 50% desses alunos.

Além disso, nos países da OCDE, cerca de 26% dos alunos provenientes de níveis socioeconômicos mais baixos conseguem superar as desvantagem de sua condição. No Brasil apenas 1,9%. Também no Brasil, os alunos das escolas privadas têm desempenho superior ao das escolas públicas, mesmo depois de controlados os fatores socioeconômicos.

É importante ressaltar que a amostra dos alunos brasileiros avaliados precisa ser levada em conta. Veja a tabela a seguir:

Alunos avaliados segundo ano escolar em que estão matriculados						
	7º ano EF	8º ano EF	9º ano EF	1º ano EM	2º ano EM	3º ano EM ou mais
OCDE	0,5%	4,9%	34,9%	51,9%	7,7%	0,3%
Brasil	0	6,9%	13,5%	34,9%	42%	2,6%

Fonte: OCDE

Os dados acima mostram que na amostra brasileira, quase 82% dos alunos encontram-se nas duas séries iniciais do Ensino Médio, ao passo que na média dos países da OCDE menos de 60% da população encontra-se nesse nível de ensino. Esse dado deve ser levado em consideração na interpretação dos resultados pois (a) as diferenças de série são muito grandes e (b) a amostra parece não ser representativa da realidade dos alunos de 15 anos do Brasil.

Pontos importantes para compreender os resultados

- ✓ O Pisa é aplicado a alunos de 15 anos de idade, independentemente da série escolar que estejam cursando. Na maioria dos países o Ensino Fundamental começa aos seis anos, portanto a maioria dos alunos já cursaram dez anos de escolaridade, ou seja, estão cursando o equivalente ao 1o ano do Ensino Médio. No Brasil ainda há muitos alunos cursando as séries finais do Ensino Fundamental.

- ✓ O exame da OCDE leva em consideração, mas não se limita aos currículos dos países. No entanto, os conteúdos necessários para um aluno responder corretamente à maioria das questões do Pisa encontra-se num bom currículo de Ensino Fundamental.
- ✓ Não é fácil aumentar a nota no Pisa – prova disso é que poucos países têm aumentos significativos. A grande maioria de países tem uma variação anual inferior a 1%, para mais ou para menos. Os países com maiores ganhos são os que têm piores resultados – pois é mais fácil melhorar a partir de uma nota baixa do que a partir de uma nota alta.
- ✓ A média do teste não varia; a média das provas do Pisa sempre fica em torno de 500 pontos em todos os testes. Se aumenta o número de alunos que acertam mais as respostas, os itens terão menos valor, ou seja: se todos os países melhoram o nível de conhecimento, o esforço para tirar 500 pontos se torna maior. E os ganhos acima disso representam um esforço maior. Isso significa que se houver uma melhoria geral na qualidade, quem ficar no mesmo lugar andará para trás, e, para melhorar, precisará ter aumentos significativos de qualidade para ficar no mesmo lugar.
- ✓ Um aumento de 40 pontos no Pisa equivale a um ano escolar. Portanto, em média o aluno brasileiro se encontra 2,5 anos escolares abaixo da média dos países que fizeram o teste. E 50% do total de alunos se encontra entre 3 e 4 anos escolares a menos. Isso é consistente com o que sabemos a partir da Prova Brasil.
- ✓ A composição socioeconômica dos alunos que fazem o Pisa no Brasil vem mudando significativamente a cada aplicação da prova. A população com 15 anos de idade aumentou em 18%, o que significa a incorporação de alunos com menor nível socioeconômico. Por outro lado a proporção de alunos em séries mais adiantadas também aumentou muito, o que tende a se refletir em melhores notas.
- ✓ Os gastos com educação no Brasil são proporcionais ao valor do PIB, portanto, em termos relativos, os gastos com educação no Brasil são semelhantes aos gastos da média dos países da OCDE.

Implicações do Pisa para a formulação de políticas públicas

O Pisa tem servido para provocar mudanças nas políticas educativas dos países. Diferentes países têm adotado diferentes estratégias para melhorar a educação. Nem todas as estratégias funcionam e nem todas funcionam igualmente.

Os dados mostram também que dinheiro não explica tudo – aliás, explica muito pouco. O nível de riqueza de um país explica apenas 21% da diferença de resultados entre os 65 países da amostra, e apenas 12% nos países da OCDE; o mesmo vale para no nível de gastos com alunos (30 e 17% respectivamente). Isso significa que há outros fatores mais relevantes para explicar o resultado dos alunos.

Vale destacar que a maioria dos países da OCDE estavam atingidas pela crise econômica durante a maior parte das aplicações dos testes do Pisa. No entanto o resultado dos países é bastante diferente, apesar da gravidade da crise que afetou a maioria deles.

A mudança da média também pode refletir o resultado de diferentes políticas; em alguns países o aumento se dá pelo crescimento dos alunos com melhor desempenho (menos equidade), em outros se dá pela melhoria na base. No entanto, poucos países melhoraram igualmente nas três disciplinas – alguns melhoraram em duas delas e vários aumentaram em apenas uma delas. Mas isso também não se dá de forma linear ao longo dos vários anos.

O maior desafio na busca da busca pela excelência é não ampliar desigualdades: vários países, especialmente na Ásia, aumentaram ao mesmo tempo o desempenho dos melhores e dos piores alunos. Mas isso requer políticas específicas. O mesmo se aplica ao desempenho de meninos e meninas – que é diferente em diferentes disciplinas, mas também em diferentes países.

Algumas políticas educacionais específicas com impacto importante

- ✓ **Currículo.** O que está no currículo tem mais chance de ser ensinado. Parte dos resultados dos países pode se explicar pela qualidade do currículo e pela presença ou não dos assuntos que são avaliados.
- ✓ **Professores.** Há uma relação entre a média de professores/aluno e o desempenho dos alunos de uma determinada escola. A média de professores por aluno no Brasil é semelhante à média dos países da OCDE (cerca de 21 alunos por professor), mas a média de professores efetivamente nas escolas é de 31 alunos por professor na amostra brasileira. Ou seja, a ineficiência no uso dos recursos prejudica o que chega até os alunos.
- ✓ **Frequência, pontualidade e disciplina.** Esses três fatores estão fortemente associados a melhor desempenho dos alunos e sistemas escolares. Problemas de pontualidade e disciplina afetam os demais alunos da sala. A maior incidência desses problemas afeta o clima da escola – fator fortemente relacionado com o desempenho acadêmico.

Lições e reflexões

O Pisa constitui o termômetro internacional da qualidade da educação. Basta olhar para os números para verificar que a situação educacional do Brasil é lamentável. Embora tenha havido avanços, esses são muito aquém do que o país pode fazer e precisa fazer.

O Pisa também mostra que é difícil fazer mudanças na educação, e que é difícil obter resultados a longo prazo. Alguns países têm logrado melhorias consistentes – e algumas impressionantes – por meio de políticas educacionais adequadas.

O Brasil ainda poderá melhorar muito as notas no Pisa como consequência da melhoria da situação econômica da população e com medidas simples, como a redução da reprovação em massa. Mas para conseguir chegar perto da média dos países da OCDE precisará fazer uma profunda revolução na educação e sustentá-lo durante algumas décadas.